

Vislumbres *de* Deus

Mario de França Miranda



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Miranda, Mario de França
Vislumbres de Deus / Mario de França Miranda. -- São Paulo :
Paulinas, 2019. -- (Coleção manancial)

ISBN 978-85-356-4529-3

1. Experiência religiosa 2. Fé 3. Presença de Deus 4. Teologia
5. Vida cristã I. Título. II. Série. 1. Cristianismo - Século 21 2. Fé
3. Vida cristã I. Título. II. Série.

19-26687

CDD-248.2

Índices para catálogo sistemático:

1. Experiência de Deus : Cristianismo 248.2
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*
Editores responsáveis: *Vera Ivanise Bombonato e*
João Décio Passos
Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*
Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*
Revisão: *Ana Cecília Mari*
Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*
Projeto gráfico: *Telma Custódio*
Capa e diagramação: *Tiago Filu*
Imagem capa: *@ honzakrej/ depositphotos.com*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br> – editora@paulinas.com.br
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

© Pia Sociedade Filhas de São Paulo – São Paulo, 2019

Sumário

Prefácio	7
CAPÍTULO 1	
Deus presente na solidariedade humana	11
Introdução	11
1. Fundamentação teológica	15
2. A experiência cristã de Deus	21
3. Experiência de Deus na atual sociedade	26
CAPÍTULO 2	
Deus desafiado pela razão	31
1. A teologia como inteligência da fé	33
2. A importância da filosofia para a teologia	40
3. Teologia e ciências religiosas	49
CAPÍTULO 3	
Deus mistério de amor	53
1. O mistério na vida humana	56
2. O mistério na filosofia	57
3. O mistério nas ciências modernas	59
4. O mistério de Deus	63
5. A fé no mistério de Deus	68
6. A realização humana na entrega ao mistério de Deus	71
CAPÍTULO 4	
Deus que sofre?	73
Introdução	73
1. Decepção ou sofrimento?	77
2. Um sofrimento que brota do amor	79
3. A fundamentação bíblica	82
4. Compaixão cristã e sociedade atual	86

CAPÍTULO 5

Deus na universidade.....	91
Introdução.....	91
1. A teologia como ciência entre as diversas ciências presentes na universidade.....	94
2. A teologia situada na sociedade, na Igreja e na universidade	98
3. A teologia em face da sociedade, da Igreja e da universidade ...	104

CAPÍTULO 6

Deus de toda a humanidade?.....	115
1. A origem da questão sobre Deus no ser humano	118
2. O mistério revelado nas diversas tradições religiosas.....	124
3. A visão cristã de um Deus de toda a humanidade.....	128

CAPÍTULO 7

Uma palavra final	135
-------------------------	-----

Prefácio

Para muitos pode parecer uma temeridade escrever um livro sobre Deus, depois de tudo o que já foi dito e publicado na longa tradição religiosa da humanidade. Temeridade esta que se vê agravada pela atual situação da crença em Deus. Não podemos negar que essa situação é crítica, embora em grande parte devido às mudanças socioculturais, sucessivas e aceleradas, que experimentamos hoje. Nesse sentido, alguns opinam tratar-se mais de uma crise da *representação tradicional* de Deus, questionada fortemente pela atual cultura, que acaba por incidir na própria existência de Deus. De fato, não sendo Deus “objeto” de nosso conhecimento, ele se faz presente somente nos efeitos de sua ação e nos símbolos que os expressam e a ele remetem. Portanto, imagens obsoletas mais escondem do que manifestam Deus.

Embora muito frequente em nosso dia a dia, o termo “Deus” recebe os conteúdos mais diversos, podendo mesmo ser utilizado para justificar todo tipo de injustiças, violências e desumanidades. Por não mais se encontrar somente no interior das grandes tradições religiosas, como se dava no passado, que sempre implicavam uma práxis correspondente, tornou-se hoje presa fácil de grupos religiosos, carentes de consistência teológica, apenas compensada pelas altas temperaturas emocionais de suas celebrações ou pelas promessas enganosas de mais prosperidade e riqueza.

Que o ser humano não possa viver sem uma referência religiosa em sua vida aparece claramente em nossos dias, com a assim chamada “volta do sagrado”, fenômeno complexo, ambíguo, fruto, em parte, do individualismo atual que inverte a própria noção de religião, a qual se vê degradada a satisfazer anseios e carências humanas, sem poder questionar a vida de seus adeptos. Daí a pluralidade de imagens de Deus no universo nebuloso da *new age*.

A crise da metafísica tradicional, os questionamentos dos “mestres da suspeita”, o impacto da historicidade e da hermenêutica no pensamento filosófico, a consciência da diversidade cultural, a mudança de paradigmas, a expansão da cibernética, o constante bombardeio de novos dados e informações que nos atinge, não só transformam o mundo tranquilo em que vivíamos mas também constituem verdadeiros desafios para a fé em Deus. Não pretendemos entrar nesta complexa problemática. Obras profundas e eruditas já foram escritas, apresentando a questão de Deus de modo sistemático, abrangente e crítico.

Nosso objetivo é mais modesto: apenas constatar e descrever, de modo acessível, a presença sempre atuante de Deus em alguns âmbitos de nossa vida, sem pretensão alguma de sermos completos ou de abordá-los em todas as suas amplitudes. Cada capítulo oferece um desses âmbitos, mais a título de exemplo. Certamente poderiam ser outros e mais numerosos. Entretanto, em todos eles há um *elemento comum*. Por não termos um acesso direto a Deus, que jamais será objeto de nossa inteligência, porque é Deus e não algo pertencente ao nosso mundo criado, só indiretamente chegamos a ele através do que resulta de sua atividade em nosso mundo. E como todo conhecimento pressupõe

um olhar específico, ou uma chave de interpretação, também nós só podemos captar sua presença atuante em nossas vidas através do *olhar da fé*. Ou como já foi dito: devemos saber ler nas entrelinhas deste texto que é a nossa vida. *Vislumbres de Deus* nos pareceu a melhor expressão para nossa percepção de Deus, daí o título deste livro. Pois vislumbrar algo é sermos por ele atingidos sem que possamos contê-lo, defini-lo, desvendá-lo e dele dispor enquanto objeto de nossa inteligência.

O livro se compõe de seis capítulos: Deus que é experimentado pelos que se comprometem em ajudar os mais necessitados; Deus que desencadeia um dinamismo na inteligência e na liberdade para mais conhecê-lo e desejá-lo (a mística da fé); Deus que é mistério de amor e realização plena do ser humano; Deus que pode sofrer; Deus presente na Universidade através da reflexão teológica; e Deus que é o único Deus de toda a família humana.

Se o leitor, através destas páginas, conseguir perceber com maior clarividência a presença de Deus em sua existência, presença amorosa, estimulante e gratificante, então o objetivo destas linhas terá sido alcançado.

CAPÍTULO 1

Deus presente na solidariedade humana

Introdução

O fim de uma época caracterizada como de “cristandade” trouxe consequências marcantes tanto para a sociedade quanto para a Igreja. De fato, com o advento do pluralismo cultural e religioso, a organização social deverá priorizar o diálogo e o consenso, em vista de possibilitar a convivência humana através da ordem democrática. Essa deve poder abrigar em seu seio o diferente, oferecer espaço para a liberdade de pensamento e de expressão, sempre no respeito aos direitos alheios. Desse modo, desaparece o tradicional horizonte cristão até então respeitado e aceito nas sociedades do passado. Nelas a realidade do que chamamos “Deus” era perfeitamente óbvia, estava entranhada no cotidiano das pessoas e explicitamente presente na cultura de então, ainda que se apresentasse, por vezes, através de imagens deformadas ou mesmo falsas que, ainda, constituem problemas para o cristianismo. Hoje Deus se tornou uma interrogação ou, pior ainda, uma realidade esquecida, omitida, silenciada, não existente para muitos de nossos contemporâneos.

Ao pluralismo cultural e religioso antes mencionado podemos acrescentar o advento das ciências exatas, sociais e humanas, fundamentadas na comprovação pela experiência concreta (só é real o que é verificável), agravada pela hegemonia do fator econômico na vida social ao impor uma racionalidade utilitarista que idolatra a eficácia e o lucro, relegando para segundo plano os valores próprios da dignidade humana. Desse modo, carece a atual cultura de autênticos valores substantivos, não podendo oferecer um autêntico sentido para a vida que respeitasse o caráter social do ser humano, mas apenas a miragem do individualismo afetivo (seja feliz) e materialista (seja consumidor). Esse individualismo não atinge só pessoas mas também classes sociais, etnias, países, provocando desigualdades sociais crescentes, fontes de violências e de guerras. Pertencemos hoje a uma geração inédita, talvez, na história da humanidade, porque olhamos para o futuro sem esperança de melhora, apesar das conquistas do atual progresso técnico-científico.

Para o cristianismo, este cenário representa, sem dúvida, um sério desafio,¹ não só para que suas expressões, símbolos e práticas religiosas possam devidamente ser entendidos e vividos, porém mais gravemente para que o Deus invocado pelos cristãos não desapareça da cultura dominante e da vida cotidiana das pessoas. De fato, enquanto realidade transcendente e fundante de tudo o que existe, ele só pode ser corretamente alcançado no interior da fé cristã, que proporciona um quadro interpretativo de leitura não só para suas doutrinas e celebrações, objetivos e normas comportamentais, mas também para o simples

¹ DUPRÉ, L. *Spiritual Life in a Secular Age*. In: *Religious Mystery and Rational Reflection*. Grand Rapids: Eerdmans, 1998, p. 131-143.

reconhecimento de sua presença divina no cotidiano humano. Porém, nota-se hoje que parte da sociedade vive como se não existisse Deus, embora outra parte demonstre uma revivescência religiosa de cunho fundamentalista ou desconectada das tradições legadas pelo passado, que, no fundo, agravam ainda mais o problema por apresentar deformações do cristianismo que o tornam de mais difícil aceitação.

Nossa reflexão parte de alguns *pressupostos* que se explicitarão melhor ao longo do próprio texto. O primeiro deles diz respeito à *mediação humana* indispensável tanto na ação salvífica por parte de Deus quanto na resposta do ser humano a esta iniciativa divina. Desse modo, reconhecemos que o “humano” tanto pode contribuir quanto obstaculizar o reconhecimento da presença atuante de Deus. Por “humano” entendemos aqui tudo o que inclui os seres humanos e seu “mundo” (cultura, organização social, padrões comportamentais). Aqui já surge a questão sobre a capacidade ou a possibilidade de o “humano atual” exercer sua função mediadora para a fé cristã.

Outro pressuposto diz respeito à própria *linguagem* do cristianismo condensada em expressões doutrinárias, práticas e celebrações, padrões de comportamento elaborados por gerações anteriores em sintonia com seu momento histórico, mas ininteligíveis e, portanto, pouco significantes em nossos dias. Enquanto realidades históricas, podem tais expressões se revelarem arcaicas e, desse modo, serem substituídas por outras, como comprova a própria história da Igreja. Consequentemente pressupomos que a configuração do cristianismo é sempre histórica e sujeita a transformações para que ele possa aparecer em sua

autêntica identidade para gerações e culturas sucessivas. Nosso texto representa apenas um caso concreto da inculturação da fé, aceita sem mais pelo magistério eclesiástico.

Um terceiro pressuposto concerne à *universalidade* própria do cristianismo. Numa sociedade pluralista, a mediação humana da ação divina deve gozar de um alcance que não se limite apenas a um grupo social, mas seja de fato patrimônio de toda a sociedade neste momento histórico de início de terceiro milênio. Que preocupação, que ideal, que anseio pode estar presente e atuante no todo da sociedade que permita uma interpretação cristã, uma leitura a partir da fé, abrindo assim espaço para uma expressão da presença atuante de Deus em nossos dias?

Um quarto pressuposto de cunho mais teológico ressalta a importância da *experiência de Deus* para o cristianismo. Como o cristianismo não é apenas criação humana, devemos confessar sua origem no próprio Deus, que tem a iniciativa de vir ao nosso encontro, de fazer-se de algum modo captar pelo ser humano, de provocar certa experiência de sua ação salvífica. Esta verdade vale para que possamos compreender como se formaram os textos do Antigo Testamento e também do Novo Testamento, enquanto sedimentações de experiências salvíficas. Ainda mais. Vale também para todas as demais ações de Deus ao longo da história do cristianismo, seja que as denominemos iluminações ou inspirações, seja que as entendamos como dons e carismas específicos. As experiências salvíficas subjacentes aos textos sagrados, embora não constituam sua única fonte de inspiração, preservam tais textos do reproche de serem teorias fantasmagóricas, meras criações do ser humano para resolver seus problemas, ou ainda expressões para

sonhos irrealizados. Temos que fazer esta afirmação mesmo sabendo da complexidade inerente à assim chamada “experiência de Deus”.

Um quinto pressuposto identifica a *primazia da liberdade* no cristianismo. Mesmo reconhecendo a importância da exposição e da justificação de cunho doutrinal que marca seu passado, pode ter acontecido, devido a justas razões históricas, certo intelectualismo da fé que enfatizava mais a ortodoxia e menos a ortopraxia.² Entretanto, os textos neotestamentários não deixam dúvidas: ter fé em Jesus Cristo, ou, simplesmente, ser cristão implica seguimento, investimento da liberdade, opções concretas, vida comprometida. Seremos julgados por Deus não por nossas ideias, mas pelas nossas ações com os necessitados (Mt 25,31-46).

1. Fundamentação teológica

Só podemos caracterizar a experiência cristã como tal quando a compreendemos à luz da fé. Pois toda realidade enquanto objeto de conhecimento só é atingida através de uma interpretação que envolve sempre um horizonte de compreensão. A diversidade de abordagens culturais e científicas que explica a diversidade de seus objetos confirma nossa afirmação. O horizonte teológico não constitui exceção, já que fundado na revelação de Deus em Jesus Cristo. Nela o ser humano, desde sua criação, recebe uma qualificação acessível somente aos que

² SCHILLEBEECKX, E. *L'histoire des hommes, récit de Dieu*. Paris: Cerf, 1992, p. 15s: “Parler de Dieu ne prend tout son sens que dans le cadre de la praxis du Royaume de Dieu”.

creem. Pois a criação do ser humano (e da restante realidade) é entendida por Deus em vista de uma finalidade superior: fazê-la participar da própria vida de Deus numa eternidade feliz. Para tal, Deus toma a iniciativa doando-se à humanidade pela encarnação do Filho e pelo envio do Espírito. A conhecida *autocomunicação de Deus* ao ser humano determina o fim para o qual foi criado, ou seja, a realização plena do ser humano está no acolhimento livre desta iniciativa divina, sempre a atraí-lo para si respeitando sua liberdade, mas repercutindo em sua consciência e se expressando numa sede de algo mais do que as satisfações finitas e transitórias. A nostalgia do infinito é intrínseca a cada pessoa, embora possa ser abafada ou soterrada pelas preocupações cotidianas.

A pessoa de *Jesus Cristo* é decisiva seja para nos *revelar Deus*, seja para nos revelar o que devemos ser enquanto *seres humanos*. De fato, enquanto Deus encarnado, Deus na história, Deus acessível ao nosso conhecimento, Jesus Cristo nos revela algo deste mistério infinito, transcendente, indisponível, que chamamos Deus, porque só o Filho conhece o Pai e quem dele recebe esta revelação (Mt 11,25-27). A tradução humana do Deus inacessível permite que vislumbremos algo de seu mistério: “Filipe, quem me viu, viu o Pai” (Jo 14,9). Tendo presente que toda a vida de Jesus Cristo consistiu em proclamar e realizar o Reino de Deus, então o Deus por ele revelado não pode ser outro a não ser o Deus promotor deste Reino, objetivo último de toda criação.³ Sintonizar com a vontade de Deus é corresponder a seu desígnio salvífico manifestado em Jesus Cristo. A realização incipiente

³ LOHFINK, G. *Jesus de Nazaré: o que Ele queria? Quem Ele era?* Petrópolis: Vozes, 2015.

deste Reino na história significa o advento de uma sociedade humana regida pela fraternidade e pela justiça, embora ainda imperfeita, mas tendo sua realização plena em Deus.

No fundo, a grande *paixão de Deus* é o ser humano, e Jesus Cristo fundamentou esta afirmação com sua própria vida e com seu ensinamento. Sempre que se tratava de levar vida aos mais desfavorecidos, aos mais pobres, aos mais excluídos, Jesus os priorizava diante das normas e práticas religiosas de seu tempo. Dado decisivo do próprio cristianismo é que Deus não pode ser encontrado prescindindo do ser humano, pois nosso comportamento diante dele significa nossa atitude perante Deus (Mt 25,34-46). Portanto, o Deus de Jesus Cristo é um Deus promotor de autêntico amor e justiça, um Deus sensível ao sofrimento humano, um Deus que atua na história pela mediação de homens e mulheres por ele iluminados e fortalecidos, agindo em sintonia com sua vontade. Estamos longe de tantas representações espúrias de Deus que marcaram a vida de muitos cristãos no passado e que, de modo algum, correspondem ao Deus revelado em Jesus Cristo. Esta conclusão traz sérias consequências para a própria experiência cristã de Deus, como veremos adiante.

Entretanto, Jesus Cristo não só nos revela o Deus do Reino mas também o sentido último de toda *existência humana*. Ele é a “luz verdadeira que, vinda ao mundo, ilumina todo homem” (Jo 1,9). Pois o Filho de Deus já estava presente nos primórdios de toda a criação (1Cor 8,6; Cl 1,16s; Jo 1,3), demonstrando, assim, que o primeiro desígnio divino foi a encarnação do Filho, arrastando necessariamente consigo a própria criação como meio indispensável para a existência do Verbo encarnado. Num sentido

mais primordial, a encarnação não se segue à criação, mas a antecede e justifica.

E se toda realidade existente foi criada *em Cristo, por Cristo e para Cristo*, tendo nele o fundamento último de seu simples existir, então toda a criação tem uma dimensão que poderíamos chamar de “cristica”; a saber, toda ela, como o próprio Jesus Cristo, deve obediência ao Pai, reconhecendo-o como Deus. Com outras palavras, toda criatura alcança sua realização plena e perfeita no próprio Deus. Esse dinamismo é intrínseco a qualquer criatura (Rm 8,19-23), embora somente o ser humano tenha conhecimento dele. Quanto mais nos assemelharmos a Jesus Cristo, tanto mais estaremos sendo autênticos “filhos de Deus”, concretizando na história o que constitui nossa *identidade última* de seres humanos. Ao afirmar que “Cristo manifesta plenamente o homem ao próprio homem e lhe descobre sua altíssima vocação”,⁴ o Concílio Vaticano II afirma Jesus Cristo como nossa “matriz”, nosso modelo acabado, nossa meta de vida, nossa realização perfeita.

Por outro lado, toda ação do *Espírito Santo* na vida de Jesus foi levá-lo à obediência plena ao Pai, foi conduzi-lo à realização do projeto de Deus na história, o projeto do Reino. Essa ação salvífica também se dá conosco, levando-nos a assumir “o mesmo sentir e pensar” de Cristo (Fl 2,5), a ter uma profunda sensibilidade por nosso semelhante às voltas com o sofrimento, com a pobreza, com a injustiça, com a impotência, com a marginalização, tal como Jesus o demonstrou tantas vezes ao longo de sua vida. Podemos mesmo afirmar que toda ação do Espírito

⁴ VATICANO II. *Gaudium et Spes*, n. 22.

Santo em nós é uma ação “cristofórmica” de plasmar Cristo em nós, de nos fazer sair de nós mesmos em direção ao outro necessitado, numa atitude de serviço ao semelhante como a de Jesus. “O Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir” (Mc 10,45).

Portanto, mesmo mantendo sua transcendência, o Deus da Bíblia se faz presente na história humana, porque apresenta um projeto de vida para a humanidade a ser realizado pela mediação de pessoas livres e responsáveis. Nesse sentido, sua ação salvífica é universal e prévia a qualquer expressão de cunho religioso. O que costumamos chamar habitualmente de “fazer a vontade de Deus” significa, então, sintonizar com esse projeto de Deus, aderir à sua atuação constante em nós pelo seu Espírito de vida. Ter fé não é se refugiar num mundo do além ou da interioridade, mas assumir sua responsabilidade na construção dessa sociedade querida pelo Deus do Reino. No fundo, o que Deus quer é a felicidade dos seres humanos, que só se poderá realizar numa sociedade de irmãos com profunda sensibilidade de uns pelos outros, os quais realmente vivam a solidariedade evangélica.

Assim compreendemos a perfeita sintonia de Jesus Cristo, com a vontade do Pai através de sua vida e de seu ensinamento; fidelidade essa que lhe custou a própria vida. Assim, podemos igualmente entender a vocação e a identidade última dos seguidores de Cristo, cuja fé deve ser atuante e responsável diante de tudo o que danifica ou destrói o projeto de Deus ou a felicidade dos seres humanos. Este é o objetivo da ação permanente de Deus em nós, que São Paulo tematiza como a ação do Espírito (Gl 5,22-25), realização plena da lei (Rm 13,8-10), carisma supremo

(1Cor 12,31), ou que São João afirma ser a característica que identifica sem mais o cristão (Jo 13,35) e que será o critério decisivo para nossa vida em Deus (Mt 25,34-46).

Trata-se, porém, de um amor fraterno *efetivo* e não apenas afetivo, que exige do cristão uma vida de disciplina e de oração, bem como um compromisso social e político. Mas a fé cristã não pode ser reduzida a uma ética em vista de um mundo melhor ou de uma sociedade mais humana, pois ela tem origem e é alimentada por uma mística, a mística da atuação contínua do Deus do Reino. Essa ação é primeira, gratuita, origem e capacitação do agir humano. Ela é captada na experiência, já que não pode ser objeto de conhecimento por se tratar de uma ação *de Deus*.

Portanto, a fé cristã nos ensina que toda compreensão do ser humano excede o que nos fornece uma antropologia fundamentada na razão. Fomos criados em Cristo (1Cor 8,6; Cl 1,16), ele é a nossa “matriz”, ele nos foi entregue (Jo 3,16) e continua presente e atuante em nós pela ação do Espírito Santo, como vimos. Observemos que essa ação do Espírito atinge o centro da pessoa, refluindo para suas faculdades, que serão por ela atingidas. E como não podemos separar a pessoa de Jesus Cristo de sua missão pelo Reino de Deus, podemos igualmente afirmar que o dinamismo do Espírito Santo nos impulsiona para a construção desse Reino. Ao acolhê-lo, assumimos o que foi determinante e central na existência de Jesus (Fl 2,5). De fato, toda ela foi pôr-se a serviço do Reino de Deus na obediência ao Pai. Conseqüentemente, acolher em si o dinamismo do Espírito já assemelha o ser humano à pessoa de Jesus Cristo, ao levá-la ao compromisso pelo Reino de Deus.